



---

**MELHORA A TUA RAÇA, DELFINA!:**  
**FRATURAS DE GÊNERO, ETNIA E CLASSE SOCIAL**

\*\*\*

**IMPROVE YOUR RACE, DELFINA!:** FRACTURE OF GENDER,  
ETHNICITY AND SOCIAL CLASS

Maiane Pires Tigre\*  
Inara de Oliveira Rodrigues\*\*

**Recebimento do texto:** 08/11/2016

**Data de aceite:** 30/11/2016

**RESUMO:** O trabalho debruça-se sobre um conjunto de textos pertencentes à fortuna crítica da Teoria Pós-colonial e dos Estudos Culturais que estruturam a pesquisa, aprofundando-se questionamentos a respeito da representação das fraturas identitárias no pós-colonial, a partir do romance moçambicano *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane. Analisa-se, assim, mediante pesquisa bibliográfica, a problemática da constituição da identidade dos sujeitos forjados na pós-colonialidade e a forma de resistência cultural adotada. O desafio de construção da moçambicanidade ancora-se no retrato de uma realidade fragmentada política, cultural e socialmente, e é, portanto, no âmbito da constituição identitária, que as fraturas se fazem presentes, deflagrando rupturas na constituição identitária da protagonista, Delfina, vinculadas às questões de gênero, etnia e classe social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraturas identitárias; Colonialidade; Violência; Exploração.

**ABSTRACT:** The work deals with a set of texts belonging to fortune critique of post colonial theory and cultural studies structure research, deepening questions about the representation of identity in post-colonial fractures, from the mozambican romance the *O alegre canto da perdiz* (2008), by Paulina Chiziane. Analyzes, through bibliographical research, the problem of the constitution of the identity of the subject forged in postcoloniality and the form of cultural resistance. The challenge of building mozambicanity is anchored in the portrayal of a politically, culturally and socially fragmented reality, and it is, therefore, within the identity constitution, that the fractures are present, triggering ruptures in the identity constitution of the protagonist, Delfina, linked to the issues of gender, ethnicity and social class.

**KEYWORDS:** Identity fractures; Coloniality; Violence; Exploration.

---

\* Mestra em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA). Membro do Grupo de Pesquisa *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC)*, maiane.tigre@hotmail.com.

\*\* Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Ilhéus-BA). Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, coordenadora do Grupo de Pesquisa *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC)*, inarabr@uol.com.br.





---

Neste tópico, discute-se a relação assinalada a partir da conflitualidade das fraturas identitárias, correlacionadas às questões de gênero, etnia e classe social, encenadas pelo feminino, no romance *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, objeto desta reflexão. Adicionalmente, aborda-se o diálogo multifacetado envolvendo a sistematização das diferentes formas de resistência adotadas na formulação identitária das personagens Delfina e, sua filha, Maria das Dores, identificadas como “seres de fronteira entre a tradição e os sistemas culturais impostos pelos colonizadores”. (MIRANDA, 2013, p.6). A narrativa fornece um diagnóstico preciso da realidade colonial e pós-colonial vivenciada pelas moçambicanas e pelos moçambicanos nesses períodos, enformando os processos de mutação identitária e cultural desencadeados pela colonização, e os seus sucedâneos: guerras, fomes, epidemias, assimilação, exploração, discriminação e racismo.

Chiziane (2008), na urdidura do enredo, subverte os planos das ações, do tempo, da linguagem e do espaço narrativo, conferindo ênfase ao devir do sujeito moçambicano. Desde Dona Serafina, mãe de Delfina, Maria das Dores até Rosinha, as personagens de *O alegre canto da perdiz*, sobre as quais Chiziane lança luzes, integram o painel sócio-histórico de Moçambique no pós-independência.

O romance aborda acontecimentos que atravessam quatro gerações, narrado por vozes femininas que se alternam, a partir do emprego da analepse, técnica que recupera o passado das respectivas personagens. Outrossim, o texto também estabelece uma ponte com a trajetória histórica de Moçambique, em uma espécie de “bricolagem libertadora” do feminino





---

(SABINE, 2010, p.234). A imagem de libertação do homem e da mulher negra moçambicana surge no início da obra, a aparição da personagem Maria das Dores nua, no mesmo espaço ocupado por homens, representa o ápice da transgressão às propostas, normas, ideias, formas, pensamento e hábitos europeus, na resistência negra à colonização do gênero, étnica e da classe social radicada no próprio contorno do corpo feminino, conforme se verifica no trecho: “Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra”.(CHIZIANE, 2008, p.11). A ela é atribuído o status de “heroína da nação” porque na medida em que resiste à influência endógena ultrajante, defende o patrimônio cultural africano enraizado no seu corpo: “ali estava a heroína do dia, protegida na fortaleza do rio. Num trono de água. Que venceu o exército de mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens”.(CHIZIANE, 2008, p.16).

A descrição pormenorizada dos atos da personagem apontam para uma figura feminina animalizada, “com olhos de gata”, à semelhança de animal ferido e ameaçado. Maria das Dores se prepara para o ataque e defesa, como um curioso caso de zoantropia, toma formas animais devido à perda dos filhos, das mágoas de sua mãe Delfina, da saudade da antiga pátria, de um exílio subjetivo. Essa metamorfose degradante alude à qualidade alienante de sujeito colonizado, e se confirma tanto na psicopatologia interna de Maria das Dores, quanto reverbera o complexo de inferioridade na





---

performance da respectiva personagem. As características advindas dessa comparação se referem à nudez, a nudez, a posição de lótus, a sujeira do barro, e a forma como é recepcionada com pedradas e pauladas, pelas outras mulheres: “Atiraram-lhe paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias”.(CHIZIANE, 2008, p.13).

O limiar da estória se desenrola em torno de Maria das Dores, peregrina solitária que emenda anos a fio à procura dos filhos perdidos, sendo encontrada despida, às margens do rio Licungo. A figura da mulher nua assoma, exibindo a negritude, bem como a materialidade do corpo negro em toda a sua extensão, nesse sentido, Maria das Dores converte-se na triste sombra de si mesma. A nudez assombra uma multidão de mulheres, cativas, cegas, prisioneiras “cobertas de mil peças de roupas como cascas de uma cebola” (CHIZIANE, 2008, p.17), que encaram-na circunspectas, interpelando-a: “Mulher, veste lá a tua roupa que a tua nudez mata e cega!” (CHIZIANE, 2008, p.15). Clamores de indignação logo ressoam por parte das transeuntes, pois ser um homem ou mulher negra ou reconhecer-se como tal seria indício de morte. Afinal, o nu se inter-relaciona ao estado original do ser humano, trazendo à memória coletiva o momento da concepção de Maria das Dores, flagrada sem roupas, despida pela natureza, sem máscaras, naturalmente negra e como a negritude tem a capacidade de cegar, a escuridão da sua pele não seria facilmente concebida. Outro dado elementar, que reforça o percurso do feminino bifurcado pela questão da cor, coincide com o assombramento transportado no nome da personagem Maria das Dores, protagonista de uma verdadeira via dolorosa apocalíptica no seio da





---

Zambézia: “Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros”. (CHIZIANE, 2008, p.16).

O corpo da mulher sobre o qual o colonizador se lança, expressa a conquista e a posse integral de um local que não é mais tido como propriedade do feminino ou do homem africano, tornando-se o lócus da dominação do colonizador, modelo emblemático de referência ao processo de espoliação ocorrido em Moçambique. O corpo feminino converte-se então em “corpo colonial”, declinado para a prostituição, subordinado às aspirações mercadológicas, meio de sevícias e baixos encantamentos, visando aquisição de certo status quo branco, comprometido com o sucesso da colonização, e sobretudo, utilizado para servir à nova população local formada eminentemente por portugueses.

Os corpos coloniais declaram a emergência de um corpo colonizado, em que tudo quanto nele há remete à colonização, com evidências, marcas e claros sinais desse processo de exploração perpetrado contra a subjetividade e exterioridade dos corpos femininos, por meio da violência sexual, prostituição, erotização do corpo e a transformação final em “prostituta do cais”, a exemplo de Delfina, essas “mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no ventre e deram à luz uma nova nação. Os invasores destruíram os nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com ele construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós”. (CHIZIANE, 2008, p.23).

O feminino em Delfina compreende a metáfora da terra, isto é, do útero da África, em cujo ventre é plantada a semente portuguesa: “o corpo





---

das mulheres, a violação sofrida, seu ventre fecundado. E, desde os tempos imemoriais, a associação do corpo feminino com a terra invadida e apropriada” (SCHMIDT, 2013, p.231). Hipótese comprovada nas palavras de Chiziane (2013, p.355): “A Delfina é sem dúvida a representação de uma África que se viu prostituída, destituída de sua personalidade a ponto de, em algumas ocasiões, desprezar-se e negar-se a si mesma, aspecto que, na obra, é representado pela Delfina que renega os filhos negros”. Contudo, a violação reverte não só a coloração da pele, mas também a formação da nação, fazendo emergir novos povos e novas raças. Apesar dos corpos femininos terem sido “destruídos”, uma vez introjetado o sémen colonial, tais corpos começam a funcionar como contrarresposta à este mesmo projeto de dominação, esboçando configurações específicas de “corpo anticolonial”, empoderado, insubordinado e desobediente à lógica do colonialismo. Assim compreendido, “o corpo da mulher negra, duplamente assujeitado pelo gênero e pela raça, é conscientemente usado pelas personagens com o intuito de obter o sustento, e mais do que isso, de ‘subir na vida’ através do contato com o homem branco”. (SCHMIDT, 2013, p.233). De forma marcante, o corpo do feminino consolida o projeto central de empoderamento e resistência da nação moçambicana. De corpos mortais, coloniais, assujeitados, dominados, violentados, passam a representar corpos vivos, anticoloniais, renascidos como heróis da resistência na história de diferentes vezes, com diferentes formas: “Somos heróis de diferentes gestas. Diferentes ventres. Diferentes lugares. Uns nascendo nos canaviais, outros na estrada.





---

Uns no alto mar (...) Nascemos diferentes vezes com diferentes formas.  
Morremos várias vezes (CHIZIANE, 2008, p.24).

Delfina, mãe de Maria das Dores, evoca, per si, a possibilidade de ascender à condição das mulheres brancas, para tanto, divisa o corpo, o gesto, o rosto, a fala, a língua e a cultura negra com a doxa cultural branca, de ascendência portuguesa. Delfina abre as pernas e o ventre fértil para ser fecundado por um branco, como condição de fuga da sua parca realidade social, étnica e de gênero, que a sentencia a um futuro sem muita grandeza. Portanto, no intuito de “melhorar o negócio do pão”, a personagem envereda-se por um itinerário de extrema corrupção moral, onde: “Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa do império de Portugal. Dinheiro e vaidade. Magia. Fortuna”, (CHIZIANE, 2008, p.27), pretendendo resistir à pobreza, à opressão de gênero e às relações fortemente racializadas.

A personagem Delfina persegue o intento de penetrar no impenetrável, primeiro, camufla-se de por dentro, depois se passa por branca, no entanto, apesar das sucessivas tentativas, não consegue esconder a negritude estampada na face, pois a alma poderia até ser branca, mas a substância epidérmica jamais mentiria a cor negra. Entretanto, o que Delfina procura, fundamentalmente, é conquistar o estatuto de ser humano perdido, face ao menosprezar da sua raça, já que a mulher negra vale menos que o homem negro, muito menos que o mulato e essa desvalorização atingem níveis exorbitantes quando comparado ao branco: “Onde o dinheiro vale mais





---

que a vida. Onde o mulato vale mais que o negro e o branco vale mais que todos eles. Onde a cor e o sexo determinam o estatuto de um ser humano” (CHIZIANE, 2008, p.27).

A discussão levantada na narrativa volta-se para o valor do corpo feminino, já que desde Serafina, que vende o corpo de Delfina para um marinheiro, até Maria das Dores, que teve o corpo entregue ao feiticeiro Simba por sua mãe Delfina, em troca de riqueza e proteção, atualiza a configuração particular “do corpo erotizado e posto à venda pode ser compreendido dentro da lógica de apropriação e subordinação dos colonizados no regime colonial”. (SCHMIDT, 2013, p.231). O enfoque dado aos corpos comercializados, moedas de troca na indústria portuguesa e também utilizados como forma de pagamento no âmbito das comunidades africanas, é o que vai definir a categorização e o escalonamento social mensurados através da desvalorização corporal, de natureza econômica, física e moral.

A estória mítica da colonização tem origem na chegada de navegadores à Zambézia, que após se sentirem atraídos pela terra, “invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada”. (CHIZIANE, 2008, p.62). A celebração deste projeto utópico é fugidia, trocam-se vênias e cumprimentos por armas e chicotes, não demora muito e movidos por uma “paixão dourada” retornam, dando início as dores de parto da nova nação.

Um dos dramas encenados pelo colonizado diz respeito à inevitável assimilação, condição do jogo imposta ao negro (a) para se inserir no mundo





---

branco, pois ser “assimilado implica romper com um universo cultural e linguístico de que se é herdeiro para se optar por outro imposto como alternativa para o prestígio e ascensão sociais. O assimilado já não é africano e nunca será europeu”. (MENDONÇA, 1989, p.07, apud MACÊDO e MAQUÊA, 2007, p.2007).

A construção estética da personagem Delfina, oportunamente integrada ao lado dos brancos, exemplifica o seu alto grau de adesão a este projeto assimilacionista destruidor fazendo lembrar o paradoxo da guerra anticolonial, cuja visão era de “pretos brancos no mesmo exército”. (CHIZIANE, 2008, p.55). A obsessão nutrida por Delfina em mudar de cor ou melhorar a raça, leva-a anular o amor por José dos Montes, negro de um grupo cultural inferior, em nome da estratégia de conquistar o português Soares e tudo mais quanto isto significa: dinheiro, calçados e roupas novas, comida boa, entre outros. Em meio a este percurso, reconhece-se em Delfina um “tipo de mulher tinha amor para vender e não para dar”! (CHIZIANE, 2008, p. 67). Após ter se casado com a personagem, e absorvido inteiramente a assimilação, a ponto de se tornar sipaio, José dos Montes se confronta com a traição de Delfina e do português, de modo que sua subjetividade uma vez dilacerada por haver renunciado à sua etnia, ao povo, à comunidade de origem, à língua, aos costumes, atravessa novo dilaceramento, a traição advém de sua esposa, irmã de cor, de sorte que de traidor de sua gente passa à categoria de traído pelo sistema colonial com o qual colaborou.

A repreensão de Serafina à Delfina contida nas palavras: “Melhora a tua raça, Delfina”, (CHIZIANE, 2008, p.91), quando esta decide se casar





---

com um negro, reproduz a circularidade de mulheres-mães que para garantir o sustento e a proteção da família face a situações periclitantes tal como, deportação, escravidão, açoites, fome, entre outros, transformam-se em cafetinas das filhas vendendo-as para os portugueses ou africanos. Assim, Serafina “repete inconscientemente o que ouvia da boca de tantas mães negras. E dos brancos. Casar com um preto? Confirmando que o sexo é uma arma de combate em tempo de guerra”. (CHIZIANE, 2008, p.91), depois Delfina quem vai repetir convencendo-se a si mesma da emergência de melhorar a raça: Melhora a tua raça, Delfina! Na continuidade da raça um futuro sombrio para os filhos negros e a confirmação do estigma racial internalizado sob a forma de verdade inquestionável, plantado na consciência dos africanos pelos colonizadores. Entretanto, a raça negra não é a única a “ser melhorada”, utilizando a linguagem conotativa, prevendo o absoluto apagamento do negro, a mistura tatuada na pele reserva bons agouros para o mestiço. A contradição cola-se à mente de Serafina e de Delfina, revelando que neste concerto de variadas raças, a única raça a ser melhorada é a raça humana, diga-se de passagem, a raça branca.

O peso da assimilação é conferido pela civilização ocidental em um programa político-econômico que não oferece muitas escolhas e cujas palavras de ordem são rendição ou morte:

O grito do seu nascimento fundiu-se ao grito de morte dos condenados, chicoteados nos troncos até perecer. Nasceu no meio do sofrimento e por isso sabe de tudo, sabe que um condenado não tem nome nem pátria. Os marinheiros civilizavam povo arrancando-lhes os olhos da cara. Cristianizavam fornicando as mulheres nas matas. Construíram o





---

novo mundo com espadas, canhões e chicote. Pacificaram a terra arrancando a língua da boca. O chefe dos marinheiros gritava aos quatro ventos: esse é ladrão: prendam-no. Esse é forte, acorrentem-no, vendam-no. Esse é teimoso, matem-no. Esses são venenosos, são lúcidos, pensam, conspiram, alcoolizem-nos. São todos vaidosos, preguiçosos, vadios, mentirosos, escravizem-nos. (CHIZIANE, 2008, p.70).

Entretanto, a História refletida no pedido alvissareiro de Delfina ao pai para que se tornasse assimilado do sistema colonial, comprova o relevante papel dos assimilados no processo de libertação nacional de Moçambique. Sabendo-se também que a cumplicidade dos assimilados e dos sipaios possibilitou o êxito da colonização:

Pediu ao pai para ser assimilado, a fim de ter acesso à escola oficial, onde as professoras eram mulheres normais e não freiras esquizofrênicas. Mas o pai disse não. Porque os assimilados eram assassinos. O pai de Delfina disse não à assimilação, sem saber que a libertação da pátria seria na língua dos brancos e sem imaginar ainda que os filhos dos assimilados iriam assumir o protagonismo da História. (CHIZIANE, 2008, p.78).

O trânsito característico desse processo cultural faz com que tais sujeitos oscilem entre polos de identificação opostos, polaridades identitárias escorregadias de “negras identidades brancas”, afinal, em sentido amplo, a “assimilação era o único caminho para a sobrevivência” (CHIZIANE, 2008, p.117). De modo que se esbarram na (in) definição, bem como na impossibilidade de encaixotamento das identidades: ser negro vs ser branco ou não ser nenhum dos dois, identidades difratadas, de tipo “híbrido”, na formulação de Cros (1995 apud AKASSI, 2010), como ocorre com Delfina e José dos Montes quando abraçam a assimilação: “Realizou as primeiras compras da sua vida. Roupas, sabão, perfume e lençóis brancos.





---

Experimentou tudo e foi ao espelho pela primeira vez. Sentada na cama, Delfina observava o marido a mudar de identidade”. (CHIZIANE, 2008,p.118). A mudança percorre a exterioridade e se instala na mente dos sujeitos assimilados, impregnando as práticas cotidianas, o *modus vivendi* moçambicano, provocando uma inversão no modo de contemplar o mundo: “Dos olhos do casal escorre o despertar dos assimilados. Caminhar de cabeça erguida e olhar o mundo do alto, mergulhando no prelúdio da história e tentando abortar o amanhã de liberdade” (CHIZIANE, 2008, p.120). Nesse passo, a representação acima construída reverbera caracterizações de elementos divergentes incorporados a certo campo identitário moçambicano, resultando na sobreposição de paradigmas contraditórios, como forma de interseccionar as negras identidades brancas.

Sendo assim, a identidade é o interstício onde se aglutinam sentidos culturais fragmentários provenientes da comunidade africana e da sociedade portuguesa, convergindo na síntese dialética do negro-branco: “Delfina experimentou a sua saia longa, de seda, com entretela e forro. Gosta da sua nova imagem. Da imagem do seu José. Gosta daquele cheiro a goma, a sabão e a vida nova”. (CHIZIANE, 2008, p.120). Frisa-se que Delfina, enquanto negra, aprecia a sua nova imagem de branca, no uso de apetrechos e roupas pertencentes ao universo cultural do português. No âmbito das identidades ocorre um alargamento cultural, político, social de natureza assimilatória, implantando no sujeito a aquisição de novas imagens identitárias transformadas em redes de identificação, por seus variados intervenientes históricos, sociológicos e psicológicos.





---

Por seu turno, o colonizador português encarrega-se de ampliar em todos os sentidos possíveis e de forma permanente a colonização dos africanos, esfacelando os influxos culturais internos. O projeto utópico de aparência inofensiva deixa rastros profundos na vida dos moçambicanos, enquanto segue patrolando a terra e os homens, na pretensão de erguer um novo mundo, apesar disso, a canção de resistência que se ouve é: “Havemos de voltar, mesmo que nos matem, temos de voltar! Mesmo que nos matem, temos de voltar!” (CHIZIANE, 2008, p. 128).

Como sonho de verão lisonjeiro, o êxtase de José dos Montes por sua nova condição de assimilado dura pouco, o som das bombas e das balas desperta-o de uma fantasia que dará lugar ao pesadelo que acaba de começar. A real dimensão da guerra anticolonial vai tomando formas monstruosas, afinal a declaração é de “que o exército da traição e da morte ganhou mais um. Que vai eliminar da vida todos os pontos vitais. Vai tornar-se inimigo de si próprio”. (CHIZIANE, 2008, p. 122). Ao longe, José precipita-se como chamariz para auscultar os vibrantes e altíssimos cantos africanos da insurreição que o conduz a contemplação de sua subjetividade, escorrendo como forte cachoeira dentro dele, pois esses “sons eram parte de sua vida, parte de si próprio, do seu passado, daqueles cantos que transcendem os ouvidos e se escutam pelo sangue, pela alma, como a invocação dos antepassados: Mesmo que nos torturem, temos de voltar”. (CHIZIANE, 2008, p. 127). A autocrítica presente na reflexão da personagem integrada à marcha assassina explica a sua passagem para o outro lado da trincheira, a





---

arma metálica em punho põe fileiras de negros com azagaias e lanças em pleno chão:

O comandante dá vários passos. Dispara a primeira bala. Segue-se o choro das balas a rasgar o espaço. O coração de José pulsa dentro do peito. Aas mulheres em debandada seguram os filhos e correm, Os homens empunham lanças e setas. José dispara e os homens de azagaias caem como bandos de pássaros. Aos canhões. Pisa com firmeza a terra vermelha. Menstruada. Terra parturiente. Sente que dentro de si o cordão umbilical se rompe e a sua imagem se ergue infinitamente para o sol escondido da noite. Havemos de voltar! (CHIZIANE, 2008, p.128-129).

Destarte, e retomando as ideias de Meneses e Ribeiro (2008) sobre a função multidimensional da Literatura moçambicana, o foco recai sobre a centralidade da denúncia que realiza, sendo capaz, sobretudo, por sua amplitude de atuar nas instâncias da resistência colonial, político-civil e militar. Essa reflexão é concretamente abordada nas cenas de guerra descritas no romance, por meio da intervenção militar-civil dos portugueses, com destaque para a ação do sipaio José dos Montes, frente a frente com os seus irmãos africanos, e particularmente, no itinerário da “louca do rio”, Maria das Dores, em sua total insubmissão espelhada tanto na postura física quanto nas palavras e pensamentos de efetiva oposição ao poder colonizador.

De modo conclusivo, Khan (2013, p. 203) afirma que a autora “contraria a arrogância com que estamos habituados a ler e a interpretar o mundo dos Outros, o mundo dos esquecidos” e prossegue categoricamente “alertando-nos com sua maestria de narradora o ‘alegre’ existir de outras realidades que nos fazem, inopinadamente, admitir que nosso olhar é limitado, asfíxiante e dominador”. A obra de Chiziane é o lugar do confronto e do desconforto em relação ao pensamento ocidental, excepcionalmente na





---

confrontação do saber africano versus conhecimento epistemológico, dos silenciados versus os detentores da fala e da escrita, das mulheres abortadas na história para o despontar de vivas mulheres aguerridas em Moçambique, de uma luta contínua por um território corporal, físico, geográfico e ideológico pertencente ao outro, ao moçambicano, que deve ser, guardadas as devidas proporções, tomado à força.

A análise da diegese, inspirada numa visão crítica, centra-se na afirmação de um conhecimento africano embrionário, de natureza autóctone, capaz de se impor com as suas idiossincrasias e cosmogonias dentro do universo particular de Moçambique. A dualidade presente no diálogo abaixo, indica a sustentação de uma hegemonia epistemológica e ontológica branca difundida por Delfina, frente ao paradigma gnosiológico do Sul<sup>1</sup> defendido por Serafina, representante, a grosso modo, de um substrato africano:

- Preparei-te um chá de ervas. É bom, limpa as impurezas. Toma muita água de coco. Coco verde, tenro. Dá também ao bebé. Em pouco tempo o cordão umbilical cai e as tuas feridas curam.
- Eu não vou tomar nada disso. Tenho os antibióticos que o José trouxe, lá da farmácia.
- Delfina, há doenças que os remédios dos brancos não curam. Sempre tratei com estas ervas e vivi (CHIZIANE, 2008, p.149).

Sob este aspecto, Khan (2013, p.204) traz a seguinte abordagem: “Para ser justa e completa, a balança do saber do mundo humano terá de reunir em si outras verdades outros cambiantes culturais e sociais para então se ajustar a um conhecimento prudente e decente da multiplicidade ancorada

---

<sup>1</sup> Discussão desenvolvida por Inara de Oliveira Rodrigues e Maiane Pires Tigre no artigo: “Gnosiologias do Sul: poder-saber-ser em Ponciá Vicêncio” (no prelo).





---

à história da Humanidade”. A configuração ontológica e a política de descolonização do Ser –Sujeito do centro, esculpido na modernidade, dentro do qual se alumbra a noção de “verdade”, se transforma em pedra de toque na narrativa, através do confronto epistêmico entre Serafina, o esposo e Delfina. O seguinte excerto do romance se torna esclarecedor: “contra a vontade de Delfina, Serafina fez todas as cerimônias. Acendeu velas, ajoelhou, ofereceu flores, farinha, rapé e aguardente, numa reza sincrética. Invocou os deuses bons e os espíritos bons. Invocou anjos e santos. Deuses da sorte e da fertilidade”. (CHIZIANE, 2008, p. 146). Na sólida opinião do pai de Delfina, a verdade, contra a qual luta, finalmente é revelada: “-Viver em dois mundos é o mesmo que viver em dois corpos, não se pode. Tú és negra, jamais será branca”. Delfina exprime bem o pensamento do Centro, arraigado em costumes e hábitos ocidentais, exemplarmente incorporados quando nomeia os filhos com alcunhas de origem portuguesa, menosprezando o costume de utilizar o nome dos antepassados, abandona o uso dos chás cicatrizantes oferecidos à mulher no pós- parto, por fim, proíbe o pai realizar o mukhuto (ritual de reza dedicada aos mortos em prol do nascimento das crianças). Delfina, de fato, desaprendera a ser africana para aprender a ser uma mulher branca, afinal “há uma repetição infinita dessa imagem colonial, branca, patriarcal, que parece apaixonada por si mesma e obstinada a idealizar a si mesma, e que não vê mais nada diante de si, a não ser sua própria representação. (KILOMBO, 2017, *online*). Deixando claro a inexistência de “sujeito epistêmico neutro”, (MALDONADO-TORRES, 2008, p. 72), a personagem ficcional assume o partidarismo fundamentado na





---

ideia Ocidental de mulher, portanto, se encontra atravessada pelo significado do Ser, abnegando a condição de mulher e africana, reproduzindo a estrutura de um pensamento hegemônico, confirmado nas palavras do teórico: “O seu racismo não é biológico, nem cultural, mas sim epistêmico. Tal como acontece com todas as formas de racismo, o epistêmico está relacionado com a política e a socialidade. O racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica de certos grupos” (MALDONADO-TORRES, 2008, p.79). A proposição final de Delfina anuncia um novo desaprendizado, o desenraizamento da comunidade assimilada, culminando na derrocada do ser colonizado para a imagem triunfal de mulher (des) colonizada.

Nesse passo, a literatura moçambicana de resistência colonial, político-civil, militar, ainda é uma arma de combate em tempos de exclusão contra as diversas manifestações da colonialidade, seja a colonialidade do poder, do saber ou do ser, pois via de regra, “a história colonial é uma ferida muito profunda, muito infectada, que de vez em quando sangra. E só quando ela sangra é que nós vamos lá e fazemos um curativo. Não há um tratamento contínuo dessa ferida. (KILOMBO, 2017, *online*). E toda vez que se coloca o dedo na ferida colonial aberta, a hemorragia escoar vertiginosamente colonizando estados, países, sujeitos, identidades, saberes, poderes reacionários de esquerda, dando sinais de uma prorrogada profilaxia no transcorrer do tempo, nas palavras de Moyo, baluarte da resistência, a José dos Montes, uma evidente constatação: “o colonialismo habitará a nossa mente e o nosso ventre e a liberdade será apenas um sonho”. (CHIZIANE, 2008, p. 171).





---

Por negros e negras fazerem parte da contingência, e a utopia ser considerada a outra face da liberdade, não se pode deixar de teimosamente recriá-la em cada sujeito, pois sem a utopia o passado é meramente uma lembrança e o futuro um tempo de inadiável opressão sujeito à toda espécie de colonialidade. Com efeito, a união final que alinhava os fios da narrativa remete a um reencontro futuro da terra, mãe África com os seus filhos africanos, deportados, sequestrados, mutilados, desaparecidos e explorados pelo regime colonial, trazendo à baila o processo de libertação moçambicana no encontro metonímico afetivo, choroso, melódico e apaixonante de Maria das Dores com o Benedito, Fernando e a Rosinha, seus filhos perdidos. Na caracterização feita por Maria Jacinta a respeito de sua irmã, Maria das Dores, algo sintomático: “Invejo a Maria das Dores e invejo o meu pai. Nunca saem do seu lugar e nem precisam de esforço para se firmar. (CHIZIANE, 2008, p. 323)”. A personagem referida é o afluente de um grande rio onde todos os pecados, vícios, corrupções, feitiços, são expurgados. Analogamente, Maria das Dores é a metáfora corporal da perdiz selvagem, indomável, retratada no início do romance, em plena fuga dos loquazes caçadores brancos e negros. O voo é baixo e curto, mas sua plumagem de diversas tonalidades: branca, negra, amarela, permite-lhe camuflar –se por entre árvores, pois fragmentada já está em suas múltiplas identidades. Ave indômita é Maria das Dores, que rejeita qualquer tipo de domesticação, existem outras aves - passarinhos – que se incluem na porção de aves domesticadas; Maria das Dores é diferente, permanece indubitavelmente, ao menos na essência, africana, símbolo da resistência, tal





---

qual a perdiz, ave franzina de pequeno porte, do tamanho de uma galinha, surpreende pela força, velocidade e pela resiliência, a todos quantos desejam abatê-la.

A respeito do título da obra, *O alegre canto da perdiz*, infere-se que sendo a perdiz uma ave selvagem e, portanto livre, pode ser representativa da liberdade, cujo canto alegre, simboliza essa liberdade que só a natureza, com seus espaços abertos, pode oferecer em referência à abertura do pensamento, a abertura à descolonização, a abertura ao desaprendizado, a abertura ao renascimento. Liberdade exprimida por meio do canto de Maria das Dores, pássaro indomesticável, acossado pela colonização, mas que apresenta a recusa em face da eliminação da sua cultura. E em simultâneo, esse alegre canto deriva do processo de libertação de Moçambique, conquistado pelos soldados da resistência, conforme reflexão do narrador: “A morte e o luto desocuparam a terra, no ar governam os alegres cantos das perdizes, gurué, gurué! A escravatura acabou e não voltará nunca mais! Somos independentes. Vencemos o colonialismo”. (CHIZIANE, 2008, p. 331).

Delfina ao final do romance experimenta uma catarse de suas paixões desenfreadas, da ambição desmedida e do menosprezo da própria raça, culminando no renascimento pessoal, em outras palavras, no remodelar da sua identidade: “Delfina está disposta a arrancar os espinhos e exorcizar todos os fantasmas e pesadelos antigos para renascer”. (CHIZIANE, 2008, p. 330). De modo que Delfina e Maria das Dores partem em busca não somente dos filhos perdidos, mas também, da identidade roubada, da pátria do esquecimento, da vida passada, da liberdade arrancada, sinalizando para a





---

urgência do regresso, da reconstrução e, por fim, do reencontro. Resistir, resistir e resistir, palavra de ordem no dia-a-dia dos moçambicanos, que ecoa fortemente e com efetividade no presente de Moçambique, cada vez que algum governo ditador e antidemocrático decidir a todo custo se manter no poder. E essa história só começou porque Maria das Dores era uma mulher que não tinha nome, nem existência, mera borboleta incolor, vazia, disforme... com o coração e a alma fraturadas pela colonização e, agora, pelas colonialidades. Uma identidade sem sombra, ou na sombra do branco, na sombra do colonizador, na sombra do homem, na sombra cinzenta da própria terra.

Um dado curioso, a esta altura da análise, diz respeito à escolha da perdiz como emblema da Renamo, significando a resistência à domesticação, à submissão em relação ao partido Frelimo. Outrossim, o próprio boletim informativo também leva o nome de “Perdiz”, no sentido de ser essa outra voz que se opõe, “resiste à voz do dia”. O que se revela como terrível paradoxo, pois alguns a consideram antidemocrática, mas o fato é que a Renamo, se autointitula a voz da Democracia em Moçambique. Enfim, chama-se a atenção para esse fato, porque existem várias vozes que se arvoram como sendo as da resistência, ou até mesmo, reproduzem um mimetismo cultural, ideológico e político, escondendo em seu bojo um projeto de dominação e exploração de proporções incalculáveis. É preciso saber, então, de onde resistir, quando resistir, por que resistir, e para que a resistência, pois várias são as vozes que se misturam nessa sinfonia desigual. A ambiguidade e as fraturas das negras identidades brancas caracterizam





---

Delfina, anti-heroína ambígua, o cordão umbilical que liga mãe e filho é rompido, na mesma proporção, os fios que unem a terra-mãe Moçambique aos filhos expatriados se desunem para unirem-se novamente. Enquanto, “a mãe enche a alma de doces canções”, (CHIZIANE, 2008, p336), Delfina, embala o filho com o alegre canto da perdiz e também é por ele embalada, sonhando novos sonhos para resistir às múltiplas fronteiras da exclusão, sendo para isso preciso ainda contar com a utopia, afinal, “o que seria de nós sem ela?” (PADILHA, 2013, p. 5).

### Referências

AKASSI, Clement. “El sujeto cultural (pos) colonial y de la poscolonia: ¿Hacia una crítica literaria para los estudios hispanoafricanos?”. **Sociocriticism**, 2010 - Vol. XXV, 1 y 2, pp 330-351.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

KHAN, Sheila. Pedir licença na terra que é nossa. A miséria da colonialidade em O alegre canto da perdiz. In: SECCO, Carmen Lucia Ribeiro Tindó, MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos. Curitiba: Appris, 2013, p.203-216.

KILOMBO, Grada. **O Brasil ainda é extremamente colonial**. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1829494-o-brasil-ainda-e-extremamente-colonial>. Acesso em 10 de jan. 2017.

MACEDO, Tânia; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas— Moçambique**. São Paulo: Artes e Ciência, 2007.





---

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento: Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, Março, 2008, p. 71-114.

MENESES, Maria Paula; RIBEIRO, Margarida Calafate. Cartografias Literárias Incertas. In: MENESES, Maria Paula; RIBEIRO, Margarida Calafate. (Orgs). **Moçambique: das palavras escritas**. Potugal: Afrontamento, 2008, p. 09-17.

MIRANDA, Maria Geralda de; LANGA, Fátima. Entrevistas: À Paulina Chiziane: In: SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos**. Curitiba: Appris, 2013, p. 349-356.

MIRANDA, Maria Geralda de. Questões de Gênero e inclusão social em Paulina Chiziane. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos**. Curitiba: Appris, 2013, p.193-202.

PADILHA, Laura Cavalcanti. Sobre mulheres que apostam no amanhã. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos**. Curitiba: Appris, 2013, p. 03-05.

SABINE, Marc. Mother Africa, father Marx: women's writing of Mozambique – 1948-2002, de Hilary Owen. **Revista Via Atlântica**, n.17, São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, p. 231-234, 2010.

SCHMIDT, Simone. O corpo e terra em O alegre canto da perdiz. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de.





---

(Orgs). **Paulina Chiziane:** vozes e rostos femininos. Curitiba: Appris, 2013,  
p.229-247.

**NOTA DOS EDITORES:** O conteúdo deste texto é exclusivamente de responsabilidade de seus respectivos autores.

